



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO-CEDUC  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS**

**JOCIMAR HENRIQUES DE OLIVEIRA**

**O ENSINO DE INGLÊS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA ATRAVÉS DA  
TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA: UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE  
ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA SURDOS.**

**CAMPINA GRANDE  
2018**

**JOCIMAR HENRIQUES DE OLIVEIRA**

**O ENSINO DE INGLÊS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA ATRAVÉS DA  
TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA: UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE  
ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA SURDOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título  
Graduação em Licenciatura Plena em Letras  
com Habilitação em Língua Inglesa.  
Área de concentração: Ensino de Línguas.

Orientador: Prof. Lissandro Jonas Tavares de  
Farias

Coorientador: Prof. Esp. Nehemias Nasaré  
Lourenço

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48e Oliveira, Jocimar Henriques de.

O ensino de inglês na educação especial e inclusiva através da tradução intersemiótica [manuscrito] : uma reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira para surdos / Jocimar Henriques de Oliveira. - 2018.

24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Prof. Esp. Lissandro Jonas Tavares de Farias, Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."

"Coorientação: Prof. Esp. Nehemias Nazaré Lourenço, IFPB - Instituto Federal da Paraíba"

1. Ensino de língua inglesa. 2. Educação inclusiva. 3. Deficiente auditivo. I. Título

21. ed. CDD 372.6521

JOCIMAR HENRIQUES DE OLIVEIRA

O ENSINO DE INGLÊS PAR ALUNOS SURDOS ATRAVÉS DA TRADUÇÃO  
INTERSEMIÓTICA: UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-  
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA SURDOS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título  
Graduação EM Licenciatura Plena em Letras  
com Habilitação em Língua Inglesa.

Área de concentração: Ensino de Línguas.

Aprovada em: 27/11/2018.

BANCA EXAMINADORA

Lissandro Jonas T. de Farias 8,5  
Prof. Lissandro Jonas Tavares de Farias  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Eduardo Gomes Onofre 8,0  
Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nehemias Nasaré Lourenço 8,5  
Prof. Esp. Nehemias Nasaré Lourenço

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) – Examinador Externo

NOTA: 8,3

Dedico este estudo aos meus pais, *in  
memoriam.*

## AGRADECIMENTOS

À Deus, por me permitir ter chegado até aqui indicando qual o melhor caminho seguir;  
Aos meus pais por terem me incentivado e acreditado em mim. Agradeço a minha mãe Severina Henriques de Oliveira, (Silvinha) e ao meu pai Joacil da Silva Oliveira, (*In memoriam*) por sempre acreditarem na educação como peça chave na formação pessoal e profissional do ser humano.

Agradeço pelos conselhos, pelas palavras de apoio na minha vida. Sempre estiveram ao meu lado, por mais difícil que fosse a caminhada, sempre estiveram do meu lado. Em especial agradeço mais ainda a minha querida mãe, que sempre acreditou em mim, isso não posso esquecer. Sua serenidade, carinho, afeto, amor, que transbordava na vida dela e era compartilhado comigo. Obrigado mãe por ter me ajudado a chegar aqui. Por não ter desistido de mim, e saber que a educação pode mudar a vida do ser humano. Obrigado por tudo! Te amo!

Agradeço aos meus tios Armando Bonifácio de Oliveira, por ter me apoiado nos momentos mais difíceis da minha vida, por ter encarado as dificuldades comigo. Depois de minha mãe, o senhor foi meu pai e minha mãe. Obrigado! Agradeço também ao meu tio, Simião Henriques de Oliveira, por ter me guiado com seus ensinamentos.

Agradeço a minha irmã, Silmara Henriques de Oliveira, por sempre está presente na minha vida, que sempre me apoiou nos momentos mais difíceis da minha vida a quem tenho grande admiração. A minha sobrinha Jhulia Beatriz dos Santos, futura e promissora na carreira acadêmica, mesmo sendo pequenina, mas, já abrilhanta com seu interesse em buscar o conhecimento.

A minha namorada, Maria Selma Medeiros Costa, que nos momentos mais difíceis esteve comigo, me apoiando, me aconselhando, e sempre que possível se fazendo presente nos momentos da minha vida.

Agradeço imensamente, aos meus queridos professores e amigos da universidade por fazerem felizes aqueles dias na graduação.

Em especial, agradeço ao professor Nehemias Nazaré Lourenço que me guiou em momentos importantes na minha graduação. Como por ter sido, um exemplo de profissional e pessoa a qual busco me espelhar. Sempre admirei seu trabalho como docente, para mim, um grande profissional da educação. Obrigado, Nehemo!

Agradeço ao Professor Lissandro Jonas de Farias, com sua serenidade, paciência, conhecimento, me ajudou a guiar com tranquilidade a graduação. Um bom exemplo, de

grande profissional da área de Letras-inglês, a quem admiro profundamente, desde o início da graduação, quando ele estava concluindo. Obrigado Lissandro!

Agradeço também, ao Professor, Dr. Eduardo Onofre, que aceitou pertencer a esta banca de conclusão de curso com satisfação. Agradeço por ser um profissional ao qual me espelho. Obrigado!

Agradeço aos meus colegas de turma, do período anterior ao que me encontrava, que me recebeu com carinho, e me acolheu. Obrigado!!!

Agradeço, aquelas pessoas que direta e indiretamente me ajudaram.

Meu muito Obrigado a todos.

“A língua de sinais é transmitida cada vez que uma mãe surda segura seu bebê em seu peito e sinaliza para ele”. (Harlan Lane)



## Sumário

INTRODUÇÃO .....	8
1 DA IMPORTÂNCIA DE SE SABER UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA NA CONTEMPORANEIDADE.....	10
2 LIBRAS: CONCEITUAÇÃO LEGAL.....	12
2.1 Conceituando a Libras .....	13
3 SIGNWRITING, UMA BREVE CONCEITUAÇÃO .....	17
4 A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA .....	20
5 O SIGNWRITING, A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA E O ENSINO DE INGLÊS PARA SURDOS.....	21
6 METODOLOGIA.....	22
CONCLUSÃO.....	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

## O ENSINO DE INGLÊS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA ATRAVÉS DA TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA: UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA SURDOS.

Oliveira, Jocimar Henriques de <sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem o ensejo de servir como mais uma referência bibliográfica sobre o ensino de língua estrangeira para alunos surdos, exemplificado aqui através da língua inglesa. Acreditamos que há pouca bibliografia sobre o tema, o que ressalta a necessidade que se há em estudos desse tipo. Temos como objetivo principal o de promover uma reflexão evidenciando que o ensino de língua estrangeira para alunos surdos ainda se configura como precário, pois não é utilizada uma metodologia condizente com a realidade do alunado surdo. Também, percebe-se, devido a isso, que não é nutrido nos alunos o desejo de conhecer outras culturas, o que faz com que os surdos não tenham a chance de se verem como cidadãos do mundo bem como também não há um incentivo sobre a importância que há em se aprender uma língua estrangeira. Para cumprirmos esse objetivo, faz-se imperioso definirmos o que é a LIBRAS desfazendo concomitantemente algumas crenças errôneas sobre a mesma; avaliar como se dá o ensino de língua inglesa em duas escolas sendo uma especial e outra inclusiva e promover uma metodologia mais condizente com a realidade acadêmica dos surdos no que tange ao seu estilo de aprendizagem. Nossa metodologia pautou-se em uma entrevista semiestruturada, a qual não obtivemos sucesso em sua realização, na pesquisa *in loco* e na pesquisa bibliográfica, o que nos fez ter, então, uma abordagem qualitativa. Como referencial teórico, constam autores-pesquisadores da área da surdez e da Libras, tais como: Gesser (2004), Quadros & Karnopp (2009). Como resultado, pudemos verificar que, de fato, o ensino de língua estrangeira para surdos ainda é precário, pois não lhes é possibilitada não apenas uma metodologia condizente com a sua realidade, senão, também, falta interesse em motivar este tipo de alunado a aprender outros idiomas, o que lhes abririam as portas do mercado de trabalho e ampliaria a sua visão de mundo dando o senso de pertencimento de ser um cidadão mundial.

**Palavras-Chave:** Educação. Surdez. Língua Estrangeira.

### INTRODUÇÃO

Quando tratamos de Educação Especial ou Inclusiva, facilmente nos recordamos principalmente de alunos cegos ou surdos marginalizando as demais deficiências. Contudo, acreditamos que esse fato ocorre por estas duas deficiências serem as que mais tem produções científicas. Não obstante, ainda há temas que não foram explorados ou explorados apenas de maneira superficial. Nosso estudo não fugirá a essa regra.

---

<sup>1</sup> Aluno de graduação em Licenciatura em Letras-Inglês na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
E-mail: jocimarhenry1@gmail.com

Acreditamos, no entanto, que nosso estudo servirá como uma base sólida para futuros pesquisadores que se dediquem ao estudo de línguas estrangeiras para alunos surdos, exemplificado nesse estudo com a língua inglesa. Cremos que a língua inglesa assume um papel importante na construção do sentimento de independência de um sujeito ao compasso em que o torna globalizado abrindo-lhe, portanto, várias portas e oportunidades de trabalho. Não à toa, o ensino de língua inglesa nas escolas de ensino regular começa cada vez mais cedo.

Tal assertiva nos faz inferir e ficarmos preocupados em como se dá o processo de ensino aprendizagem de línguas estrangeiras nesse tipo de escola, porquanto vários estudos comprovam que há um déficit significativo na evolução cognitiva, isto é, no aprendizado de alunos surdos devido a fatores linguísticos, sobretudo. Segundo Honora (2014), tal fato pode ocorrer porque há um desinteresse em os progenitores da criança surda não aceitarem o fato de seu(sua) filho(a) ser surdo(a) gerando um momento de luto.

Caso houvesse um interesse por parte dos pais em aprender a língua de sinais, a criança surda apresentaria uma diminuição do atraso educacional, o que poderia fazer com que a mesma apresentasse e desfrutasse do mesmo avanço cognitivo que desfrutam as crianças ouvintes, pois poderiam adquirir a língua tal qual as demais crianças o fazem, isto é, por imitação.

Faz se oportuno agora indagar: se as crianças surdas apresentam tal atraso em adquirir a própria língua, ou seja, a língua de sinais (que lhe é mais natural), o que poder-se-ia dizer sobre a aquisição de uma língua estrangeira? Mais ainda: como se dá esse processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira para surdos? (HONORA, 2014).

A fim de compreender como se dá esse processo, tomamos como local de pesquisa in loco a Escola de Aúdio comunicação Demostenes Cunha Lima (EDAC), localizada na cidade de Campina Grande – PB e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (Campus Picuí). Pretendíamos utilizar como instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada, por acreditarmos que ela supre as nossas necessidades quanto à nossa pretensão em termos de qualidade para este trabalho. Contudo, a mesma não foi possível devido ao fator explicitado na parte desse artigo que se trata da Metodologia empregada. Também, fizemos uso da pesquisa bibliográfica sendo bastante seletivos quanto não a quantidade de livros que compõem o nosso roll de referência bibliográfica, mas que apresente qualidade.

Cremos que fazendo uso de tais instrumentos de pesquisa qualitativos, nossa pesquisa poderá cumprir o objetivo principal que é o de averiguar como se dá o processo de ensino-

aprendizagem de línguas estrangeiras, exemplificado em nosso contexto através da língua inglesa, para alunos surdos a fim de compreender se tal ensino satisfaz as necessidades linguísticas básicas quanto às competências comunicativas, nesse caso, se possibilitam o sujeito social surdo ser autônomo quando da interação comunicativa com surdos estrangeiros através de um sistema linguístico que lhe seja natural.

Para atingirmos o objetivo principal, dividimos o artigo em seis pequenos capítulos que nada mais é que o tracejamento de nossos objetivos específicos: a) conceituarmos o que é a LIBRAS desfazendo algumas crenças existentes sobre a mesma; b) explicitar a importância que se há em dominar uma língua estrangeira hoje em dia (tanto para ouvintes quanto para surdos); c) investigar como se dá o processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos nas escolas supracitadas (explicitado neste artigo na parte que trata da Metodologia); d) explicitar o que se entende como tradução e quais os três tipos mais utilizados na atualidade centrando, contudo, na intersemiótica; e) explicar brevemente o que é o SignWriting e qual a importância e as possibilidades que ele traz à comunidade surda e f) lançar mão de uma metodologia e didática que sejam mais condizentes com a realidade dos surdos, isto é, respeitando as características mais notórias apresentadas pelos surdos.

Como referencial teórico temos estudiosos da Educação Especial e Inclusiva que focam a cultura surda e/ou os aspectos linguísticos da Libras, tais como: Quadros, Quadros & Karnopp (2004), Gesser (2009) e Barreto & Barreto (2015); bem como da Lei 10.436/2002 que reconhece a Libras como meio de comunicação da sociedade surda brasileira.

## **1. DA IMPORTÂNCIA DE SE SABER UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA NA CONTEMPORANEIDADE.**

Há décadas a língua inglesa vem tomando o mundo. Houve uma época em que outras línguas dominaram o mundo, passou-se os anos e o francês foi considerada uma língua importante, assim como alemão. Sendo, que a maior parte dos livros, escritos, trabalhos acadêmicos dentre outras coisas, eram em francês devido a ter sido a França a detentora do poder econômico nessa época.

Mas, a própria história nos traz essa realidade, relacionada ao fortalecimento dos Estados Unidos após a segunda guerra mundial, o inglês se tornou uma língua importante mundo a fora. Ficou, então, conhecida como a língua do mercado, a língua do negócio entres

povos. O que podemos ver em todo o mundo é que hoje podemos fazer uma graduação em a língua inglesa, não mais apenas com o francês, alemão ou espanhol.

Baseado nas necessidades de mercado e inclusão, a língua inglesa vem sendo obrigatória em diversos âmbitos: acadêmico, trabalhista, interpessoal etc., o que justifica a sua importância como língua de mercado na América do Sul, como foi na Europa e ainda é. No âmbito acadêmico, os currículos escolares exigem uma língua estrangeira, sendo a primeira o inglês. Mesmo com um ensino deficitário, a língua inglesa se faz presente e tem seu papel em destaque na sociedade brasileira, pois observa-se que aqui se fala apenas uma língua quando os demais países que compõe a América do Sul falam mais de dois idiomas majoritariamente, como por exemplo, o Peru, lá eles falam o Espanhol, quéchua e o inglês, como língua estrangeira. E a população mais jovem, que estuda em universidade por exemplo, é “obrigada” a ter um nível intermediário para obtenção de título acadêmico.

Eles preparam os seus estudantes para o mundo, tendo em vista, que o ensino primário requer uma atenção maior, no que diz respeito ao ensino inglês. Todavia, existe um incentivo do Estado em apoiar e incentivar o ensino de inglês para esse público inicial.

Ora, aqui no Brasil, atualmente, as grandes empresas e multinacionais brasileiras estão exigindo fluência no idioma, se o candidato, por exemplo não tiver uma certa fluência ele possivelmente não terá a vaga muitas vezes tão almejada. Muitas pessoas perdem inúmeras oportunidades, por não ter um nível de inglês, o que nos mostra o quanto ainda temos que galgar um caminho para que a língua inglesa se faça presente no contexto diário da sociedade.

Enfim, vendo uma crescente demanda do mercado quanto ao nível de inglês e sua fluência, é que muitos cursos de idiomas foram surgindo, existe várias escolas de idiomas, mundo a fora, para justamente, oferecer a oportunidade a pessoas que buscam um melhor salário, ou até mesmo para se comunicar com algum estrangeiro que venha ao nosso país ou até mesmo para ser utilizado quando se ler algo na língua estrangeira.

Levando em consideração, essa crescente busca no mercado de trabalho e nas escolas, é que observamos, o quanto de palavras e expressões em língua inglesa adquirimos ao longo do surgimento do termo “globalização” as palavras em inglês não adentraram, mas, “invadiram” nosso contexto de língua luso-brasileira.

O estrangeirismo, como assim é usado nas escolas, em alguns livros e por alguns profissionais, se faz presente na nossa realidade. Muitas palavras nem observamos que são da língua inglesa, assim como, as palavras de origem espanhola, ou francesa.

É o que acontece com as palavras; “*WhatsApp*”, “*Facebook*”, “*Handtalk*” etc. todos esses são aplicativos de origem inglesa, e que está presente no nosso dia a dia. Com o avanço

da tecnologia e seu uso pela população de modo geral, esses termos vêm sendo apropriados nos discursos das pessoas, sejam mais jovens ou não tão jovens assim.

Sabemos, que a língua utilizada na internet de maneira exacerbada é a inglesa, por mais que majoritariamente se tenha a língua portuguesa presente nos textos, vemos a cada dia, as series de tv, redes sociais, as notícias e muitas outras ferramentas da internet se fazendo presente diariamente na vida das pessoas brasileiras, principalmente o público jovem.

Contudo, mesmo com a língua inglesa estando tão presente, o que vemos, é um ensino deficitário, muitos professores não se comprometem com o real sentindo da língua que agregar valor. Mesmo sabendo, que a disciplina de língua inglesa é componente obrigatório nas escolas públicas do nosso país. Ainda há alunos que não conseguem saber a importância de aprender uma língua estrangeira, como o inglês. Em sua maioria, boa parte dos alunos, se perguntam para que aprender inglês, se “eles não vão utilizar” em lugar algum. Isso nos mostra, o quanto nosso ensino ainda precisa melhorar quanto ao ensino-aprendizagem de língua estrangeira.

O currículo escolar ainda necessita melhorar, pois, muitas vezes, o próprio professor sente dificuldade de ensinar, já que, o tempo oferecido ao professor não é suficiente para o ensino adequado da língua, outras vezes, o material não é adequado ao proposto, com uma gramática descontextualizada, que não condiz com a realidade do local ou do aluno. Mesmo, diante de várias adversidades, podemos concluir que, a aprendizagem de uma língua estrangeira traz vários benefícios para vida do indivíduo. Com o indivíduo surdo não é diferente, pois eles também precisam buscar o domínio de uma língua estrangeira, pelas mesmas necessidades que há para o ouvinte.

## **2. LIBRAS: CONCEITUAÇÃO LEGAL**

LIBRAS, é a língua de sinais utilizada como meio de comunicação pela comunidade surda brasileira. Esta língua foi reconhecida pela Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 pelo presidente em exercício Fernando Henrique Cardoso. Ainda sobre essa língua

entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituindo um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

Em outros termos, a Libras não é um português sinalizado, senão, é uma língua que tem em sua estrutura todos os componentes que possam configurá-la como tal: gramática, semântica, fonologia, sintaxe etc. contudo, ainda é pouco compreendida como tal, o que nos faz sentir um sentimento de ser imperioso tecer uma conceituação mais esclarecedora sobre a mesma, o que nos levou a escrever o próximo ponto.

## 2.1 Conceituando a Libras

Cumprindo o que fora dito na introdução desse estudo, o nosso primeiro capítulo, sobretudo esse ponto agora em tela, busca trazer uma reflexão e esclarecimento pragmático sobre o que se entende como Libras desfazendo, para tanto, alguma das crenças existentes na conceituação da mesma. Para tanto, utilizaremos como base teórica o livro “Libras, que língua é essa?” da autora, Audrey Gesser (2009), sobretudo o primeiro capítulo que versa sobre a língua de sinais.

Temos, pois, como primeira pergunta: “A língua de sinais é universal?”. Tal pergunta torna-se fundamental ter uma resposta porque em nosso país ainda há aqueles que creem que a língua de sinais brasileira é universal porque fazem uma comparação errônea sobre a mesma, isto é, comparando-a com a língua inglesa. Há, então, dois erros: o primeiro por comparar uma língua de sinais com uma língua oral e o segundo em termos de uso porquanto dentro de cada comunidade linguística há sua própria língua pertencente a um sistema linguístico. Essa comparação, não é senão uma maneira de querer simplificar uma língua complexa como qualquer outra, já que seria uma maneira de dizermos que se houvesse uma língua de sinais única para ser utilizada pela comunidade surda universal poderia ser melhor para os surdos, algo que não é ainda que exista a possibilidade de ser “criada” uma língua universal em toda parte do mundo. Ainda segundo a autora:

Uma das crenças mais recorrentes quando se fala em língua de sinais é que ela é universal. Uma vez que essa universalidade está ancorada na ideia de que toda língua de sinais é um “código” simplificado apreendido e transmitido aos surdos de forma geral, é muito comum pensar que todos os surdos falam a mesma língua em qualquer parte do mundo. [...] Com a língua de sinais não é diferente: nos Estados Unidos, os surdos “falam” a língua americana de sinais; na França, a língua francesa de sinais; no Japão, a língua japonesa de sinais; no Brasil, a língua Brasileira de sinais, e assim por diante. (GESSER, 2009, pp. 11-12)

Logo, percebemos que a ideia de a língua de sinais ser universal parte do preposto que muitos a consideram como um código mais simplificado. Contudo, cabe salientar que a língua de sinais pode ser considerada como universal se (e apenas se), tivermos a ideia de que cada país tem a sua própria língua de sinais. Não obstante, sabe-se que a Libras não é universal, pois é a língua de sinais brasileira, bem como a American Sign Language (Língua de Sinais Americana) também não é, pois é própria dos Estados Unidos. Em termos comparativos, seria o mesmo que dizer que as línguas orais são universais, contudo, cada país tem o seu próprio idioma, isto é, a sua própria língua.

Entretanto, estudos como os realizados pelos estudiosos da área da surdez e da língua de sinais (brasileira) asseveram que muitos ouvintes ainda têm a crença que os surdos não sabem se comunicar ou que os sinais que fazem são apenas compreendidos entre si quando esses mesmos estudos comprovam o contrário. Em outros termos, grande parte dos ouvintes ainda acreditam que o máximo que os surdos podem realizar são gestos ou movimentos que representam o objeto – chamado por Quadros (2004) como “sinais icônicos”. Mas, não é bem assim que funcionam as línguas de sinais. Soma-se à justificativa dessa crença de “gestos” o fato de a ideia de mimica buscar fazer o ouvinte compreender o objeto, sendo que, diferente da mimica, o sinal, busca trazer a representatividade do símbolo venha relacionar ao objeto.

Levando em consideração a crença sobre esses aspectos linguísticos da língua de sinais e também que as pessoas veem os surdos como “coitados” é que “justifica-se” o preconceito sobre a condição do surdo. Isso porque acreditam que ele não tem língua própria ou apenas reproduzem meros gestos. Gesser (2009) traz essa discussão para defender a ideia que o surdo é como qualquer outra pessoa (Ouvinte) e que, portanto, ela tem direitos e deveres como qualquer outro cidadão, pois ter essa condição não significa dizer que ela não fale porque não tem cordas vocais ou algo do gênero. Ora, ela tem as cordas vocais intactas como qualquer outra pessoa. E elas podem aprender qualquer língua, caso sintam-se à vontade para aprender, obviamente em sua modalidade escrita e/ou gestual.

Há poucos registros sobre a evolução da língua de sinais tanto realizadas por surdos e sobre os surdos, como diz a autora. No entanto, o que se compreende é que a língua de sinais de vários países tem suas origens, algumas, como no caso da ASL (American Sign Language) e a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) tem sua origem na língua de sinais Francesa. A partir da crescente demanda de surdos em várias partes do mundo surgiram a necessidade de se criar institutos responsáveis em ensinar a língua de sinais. Cada país seria responsável por seu sistema de língua de sinais. A partir de necessidades como as quais GESSER (2009) refere-se a um texto em que “A autora conta a história dos surdos nessa comunidade,



mostrando que os primeiros habitantes da ilha vinham da Inglaterra e falavam algum tipo de língua de sinais. Ainda de acordo com (GESSER, 2009, p. 36), “Estavam tão integrados ao dia a dia da ilha que não se consideravam nem eram considerados deficientes ou um grupo à parte. Isso mostra que a língua de sinais era tão natural como qualquer outra língua.”

Diante do exposto, fica evidente e justificável que a língua de sinais é a língua natural dos surdos bem como encontra-se justificativa quanto à crença de que a língua de sinais era, sim, a língua secreta dos surdos, já que eles podiam se comunicar entre eles, e que não fosse em público ou na escola.

Acredita-se, também, que a LIBRAS no Brasil apresenta uma unidade, mas isso é um sério problema de compreensão da maioria das pessoas. Tal erro é oriundo do discurso proferido que diz que a LIBRAS é uma língua falada igualmente em todo país, no entanto, devemos considerar que, assim como na língua portuguesa não é uma língua uniforme no Brasil, a LIBRAS também não o é. Na LIBRAS, nós podemos encontrar uma variação linguística mais expressiva que a encontrada na língua portuguesa oral falada no Brasil. Desse modo, não há distinção entre a línguas portuguesa (falada no Brasil) e a LIBRAS, porquanto existe a incorporação de palavras e gestos e símbolos dentro desta tornando uma língua viva e em constante transformação. Ainda de acordo com Gesser (2009, pg. 41) é exatamente assim que ocorre “o fenômeno da variação e da diversidade está presente em todas as línguas vivas, em movimento. É justamente nas práticas sociais de uso da linguagem entre surdo/surdo e surdo/ouvinte que é possível enxergar o multilinguismo”.

Segundo Gesser (2009, p. 39):

Em todas as línguas humanas, há uma variedade e diversidade. O sociolinguista Marcos Bagno faz uma bela discussão em torno da desconstrução de alguns mitos sobre a língua portuguesa em seu famoso livro *Preconceito Linguístico- o que é, como se faz*, escrito em 1999 e, desde então, seguidamente reeditado. Segundo o pesquisador, o mito da ‘unidade linguística do Brasil’ é o maior e mais sério de todos, pois está presente no discurso não somente da população, mas de muitos intelectuais. A escola, por exemplo, tem se apropriado desse mito, tornando-o natural.

Noutros termos, a Libras, ou qualquer outra língua de sinais, não apresenta uma unidade assim como as línguas orais também não. Há, inclusive, uma grande variedade linguística na língua de sinais brasileira, e muito mais expressiva que as observadas nas línguas orais.

São tantas as crenças que existem quanto à Libras, sobretudo, quanto ao aspecto linguístico que se torna quase que obrigatório vincular a essas, a também crença de que a

Libras não possui uma gramática, pois não se concebia a ideia de que fosse possível representar e registrar algo tão complexo. Contudo, “como observa Noam Chomsky, todas as línguas funcionam como sistemas combinatórios discretos” (GESSER, 2009, p. 19). O que vai diferenciar a língua de sinais da língua oral será apenas a forma como elas são reproduzidas, pois enquanto esta se realiza de maneira oral-auditiva, aquela será concebida no meio espaço-visual. Contudo, ambas apresentam todos os aspectos/requisitos que as fazem serem consideradas línguas: morfologia, fonologia (sim, fonologia!), gramática, léxico, sintaxe, semântica etc.

Tais fatos nos fazem também compreender a ideia de que por não ter uma gramática, então, também não se há um sistema de escrita que registre as produções dos surdos de forma que lhe seja natural, subjugando a Libras como uma língua ágrafa. Sobre esse fato, Gesser (2009) o contradiz alegando que tudo começou quando uma coreógrafa americana buscou criar um sistema utilizando gravações para registrar o quanto proveitoso era quando se utilizava um sistema de escrita em que os adultos surdos demonstraram um bom aprendizado, já que eles tinham a oportunidade de assistir com o auxílio desse sistema, surgindo assim, o SignWriting.

Observou-se que os surdos expostos ao sistema SignWriting tinham mais facilidade para escrever. Um dos grandes desafios dos pesquisadores no processo de sistematização é tornar a grafia a mais concisa e clara possível. (GESSER, 2009, p. 43)

Mesmo tendo, muitos sinais não traduzíveis até o momento, leva-se em consideração que assim como as demais línguas, que estão em processo de transformação, ocorrerá o mesmo com o sistema de escrita SignWriting, ao passar dos anos, poderá ser simplificado e traduzíveis. Contudo, no Brasil ainda estamos em fase inicial de apropriação desse sistema de escrita, pois é necessário um estudo mais aprofundado para compreender melhor os símbolos utilizados nesse tipo de padrão linguístico utilizado pelos surdos tema este tratado no capítulo a seguir.

Porém, antes de prosseguirmos, faz-se imperiosa a pergunta: É possível expressar conceitos abstratos na língua de sinais?

A este respeito, GESSER (2009, pp. 22-23) assevera que

[...] Novamente, a pressuposição de que não se consegue expressar ideias ou conceitos abstratos está firmada na crença de que a língua de sinais é

limitada, simplificada, e não passa de um código primitivo, mímica, pantomima e gesto. [...] Devemos entender que **sinais não são gestos**.

Resumidamente, gestos podem ser considerados como a forma não dicionarizada de um sinal, por exemplo, a palavra “Crisântemo”. Em um dicionário comum, a palavra não será encontrada, logo, se tivermos que a traduzir para a língua de sinais, teríamos que fazer uso de um gesto, o que não aconteceria com a palavra “pai”, por exemplo, pois temos sua forma dicionarizada tanto na língua oral quanto na língua de sinais.

### **3. SIGNWRITING, UMA BREVE CONCEITUAÇÃO.**

É um sistema de escrita baseado na língua de sinais. Contendo nesse modelo de padronização Configuração de mão, Orientação da palma, Locação, Movimentos e expressões Não manuais. assim refere-se a autora. É dividido em grafemas que retrata como os sinais são produzidos na prática.

Sabendo que cada indivíduo tem uma razão para aprender uma língua, é necessário o indivíduo assimilar a estrutura do sistema linguístico, para sua apropriação. Levando em consideração que indivíduos tem necessidades diferentes para aprender uma Língua. O SignWriting como escrita traz alguns benefícios para o surdo, dentre eles; assim refere-se a autora; aumenta a credibilidade na sociedade por dominar ou até mesmo saber que o surdo tem um sistema próprio de gramática. Contribui para uma aprendizagem mais eficaz por parte do aluno surdo. Auxilia os tradutores e interpretes de Libras na preparação para a interpretação e também no registro de sinais aprendidos; Ajuda a melhorar a comunicação; mostra as variações regionais de Libras, enriquecendo-as, dentre tantas outras.

Segundo Barreto (2015, p. 47)

o SignWriting contribui para a memorização, aprendizagem e organização do pensamento em Libras de maneira mais rápida. Isso acontece porque os sinais de forma visual direta, parte por parte, com grafemas altamente icônicos. Isso envolve diversas áreas do cérebro, criando inúmeras conexões ao mesmo tempo!

Podemos, então, inferir que a aprendizagem de uma língua estrangeira, nesse caso, a língua escrita do surdo em sua modalidade escrita, SignWriting, mostra-nos o quanto é

vantajoso para o surdo aprender a fazer registros escritos de sua própria língua e de outras quaisquer, o que torna ainda mais rica essa língua.

Para tanto, sabemos, que a aprendizagem de uma língua estrangeira, pode nos trazer benefícios, assim não seria diferente com a aquisição e aprendizagem da escrita para o surdo.

Assim, quando o surdo compreende a importância da sua escrita, compreende também que pode explorar ainda mais da LIBRAS, ou até mesmo outras línguas estrangeiras, como, por exemplo a ASL, pois o mundo se abre ainda mais, contribuindo para que o surdo consiga observar situações contextuais de maneira tal, que sem a escrita talvez não fosse possível. É como discorre Barreto (2015, p.48) “Assim, de forma natural, o cérebro vai associando conhecimentos novos com os antigos. Novas conexões são estabelecidas. E o estudo e aprofundamento da Libras fica muito mais fácil.”

Devemos levar em consideração, que esse raciocínio abrange o que diz respeito à universalidade da língua, que a língua pode ser universal, mas cada país, cada povo, tem seu sistema de comunicação e interação baseando em um dos focos desse trabalho, que é o ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira através da tradução intersemiótica, e aqui podemos observar exatamente como se dar esse processo, em que meio isto pode ocorrer.

Outro ponto que devemos atentar é que o SignWriting tem algumas qualidades pertinentes quanto ao uso da língua escrita, observa-se que esse sistema de escrita é como qualquer outro, por meio deste, pode-se traduzir de maneira detalhada as particularidades encontradas na fonética. Haja visto, que mesmo, utilizando esse tipo de sistema para realizar este tipo de anotação do grafema.

É como discorre Barreto (2015, p.80) “Porém, esse tipo de notação encontra dificuldades ao transcrever sequências de sinais que ocorrem em uma sinalização fluente e todas as modificações morfológicas que acontecem em um discurso”. Portanto, para a realização e a aquisição são necessários esforço e muita prática para que seja usada de forma adequada pelo usuário levando em consideração o que é importante fixar, e como sabemos que o SignWriting é um sistema de representações icônicas, torna simples sua aquisição.

Quanto ao seu sistema de escrita, podemos dizer que não se diferencia dos demais quanto à necessidade de se obedecer às regras, um padrão, ou seja, assim como os outros tipos de escrita o SignWriting (doravante SW) tem suas regras, que são fundamentais para assimilação e reprodução. Nesse modelo, a escrita dos símbolos (grafemas) retrata como o fonema de fato é e funciona na LIBRAS, ou em outra língua de sinais. Cada movimento de mão, expressão facial, movimento dos membros, representa em como é visualizado o grafema nesse tipo de escrita.

Cada sinal, tem uma representatividade para cada comunidade. Compreende-se que para realizar os movimentos é necessário também um tempo para essa ação, pois cada ação representa um tempo e um significado nesse sistema de escrita. Barreto (2015, p. 76-77) reforça essa ideia ao asseverar que “ao ler um sinal ou texto de qualquer LS do mundo, o leitor proficiente em ELS é capaz de reproduzir com precisão como o sinal é realizado, mesmo sem entender o que significa, pois para isto seria necessário saber essa Língua de Sinais”.

A medida que a língua de sinais se desenvolve o SW também, porque esse sistema de escrita é uma língua viva, que está em constante transformação, a partir da criação de novos sinais em Libras, por exemplo, vão se criando e configurando novos grafemas e representações, portanto, devemos considerar a riqueza que se tem essa língua. Para aquisição da escrita é importante salientar que é necessário o indivíduo aprender a Língua de Sinais, pois se utiliza as mesmas representações.

Contudo, o que defende Barreto (2015, p. 87) é que “o processo de aquisição da escrita poderia ser natural se a criança surda estivesse assimilando os grafemas da Escrita de Sinais com os fonemas de sua Língua de Sinais para, só depois disto, partir para a aquisição de sua Segunda língua”. Para tal, este processo tem que seguir os parâmetros da Libras, a saber; Configuração de Mão, Orientação da Palma, Locação, Movimento e Expressões Não-Manuais.

De acordo Barreto (2005) há duas perspectivas ao escrever os sinais, o que faz com que devemos atentar ao ponto de vista dos sinais utilizados, para tal orientação tem-se a Perspectiva Receptiva e a Perspectiva Expressiva; a primeira refere-se quando você estar sendo o observador e a outra você os sinais da sua própria perspectiva, e ainda segundo o autor é por meio desta última que se realiza a escrita.

No que diz respeito a orientações de mão devemos atentar que existe pessoas que são canhotas e assim adequar os movimentos e “os gestos”. Assim, com relação a orientação de mão, se o surdo pode ver a palma da mão dele, então, o grafema será branco, senão, será preto.

Já se for o lado da mão, metade será branco e metade preto, uma representa a palma e a outra representa a cor preta, ou seja, a parte de fora da mão (dorso), em SW, o indivíduo pode rotar seja qual for o sentido. Essa regra vale para praticamente todos os movimentos manuais, caso a mão esteja fechada com um, dois, três ou cinco dedos levantados, tanto, com a palma da mão voltada para quem estar realizando os sinais ou o dorso.

Ainda de acordo com Barreto (2015, p. 126) devemos também atentar para a Locação, ou seja, quando o sinal fora reproduzido próximo a cabeça com relação ao tipo de contato que é produzido quando o sinal tem que ser feito tocando uma ou duas vezes qualquer parte de configuração. E para isso o tocar é representado por (\*) como os autores trazem, esse símbolo representa o contato suave de uma mão com a outra.<sup>2</sup>

#### **4. A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA**

A tradução intersemiótica dar-se como um modelo de tradução que transpassa o tempo. Ela está presente desde o princípio da humanidade, acompanha o homem e suas produções ao longo do desenvolvimento humano.

Mesmo, atravessando o tempo, a intersemiótica mudou e vem se modificando, pois ela pertence a diferentes contextos e diferentes esferas da sociedade, isso ocorre como algo em constante maturação, que é redescoberto a cada instante e momento da vida do homem, procurando se reinventar através dos tempos.

Esse tipo de tradução, se reinventa num processo histórico e de costumes que pode ser remoldada por meio dos sentimentos, dos momentos vividos das imagens que são construídas pela historicidade que o homem carrega, com o intuito de representar e ressignificar o presente.

Sabendo disso, é importante compreender que a tradução ajuda o aluno a compreender melhor certos parâmetros de aprendizagem de uma língua estrangeira. Sobretudo, quando estar relacionada a escrita do surdo como modo de não perder seu registro.

Todavia, devemos atentar para nosso estudo, é necessário compreender a existência de alguns outros tipos de traduções, sendo que há três principais, tradução intralingual, que é aquela que estar relacionada a tradução dos signos de um sistema interno que pertence a uma mesma cultura.

A tradução Interlingual, é quando buscamos traduzir os signos de um outro idioma, por exemplo. E a terceira remete a tradução intersemiótica, aquela que busca por meio de símbolos, sinais, figuras, sons e etc, significar para um povo ou um grupo, a sua função dentro de uma sociedade.

Dessa forma, levando para o contexto do surdo, entendo que a tradução intersemiótica se faz presente a todo momento no processo de ensino-aprendizagem de libras, como de

---

<sup>2</sup> Para uma melhor compreensão de como se escreve nesse sistema de escrita, conferir a obra Escrita de Sinais sem mistérios. Madson Barreto, Raquel Barreto. 2. ed. rev. atual. e ampl. – Salvador, v. 1 : Libras Escrita, 2015.

língua portuguesa, e não muito diferente no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa.

Justamente, quando o surdo precisa aprender um sinal, mas, primeiro, ele precisa entender o que é a figura. Porque o que o surdo aprende é importante para sua construção como cidadão e indivíduo. Esse modelo de tradução atende a necessidade do surdo, por meio dela, é que o surdo constrói sua identidade e sua língua tendo em vista que os alunos surdos são estrangeiros dentro do próprio país, porque, eles precisam fazer cotidianamente a tradução para sobreviver em um país majoritariamente ouvinte (GESSER, 2009)

## **5. O SIGNWRITING, A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA E O ENSINO DE INGLÊS PARA SURDOS.**

Diante de todo o exposto até o momento, torna-se evidente que os surdos devem aprender primeiramente a Língua de Sinais, pois lhe é uma língua natural. Sobre essa terminologia, podemos dizer que Línguas Naturais (doravante, LN) podem ser compreendidas como o conjunto de símbolos e sinais atrelado às experiências de cada indivíduo compartilhadas entre si em diferentes contextos da sociedade.

Não obstante, há uma breve diferença entre língua e linguagem, a primeira refere-se a língua como um todo, como o inglês, alemão, japonês, e até mesmo a língua de sinais. Já a linguagem está diretamente relacionada, por exemplo: a linguagem da música, a linguagem dos animais assim por diante. A esse respeito, Quadros & Karnopp (2004), compreendem que as línguas naturais (todas) têm algo em comum que difere de outro sistema de comunicação, humano ou não.

Ainda nessa linha de raciocínio, alguns teóricos validam apenas a ideia de língua natural como Quadros & Karnopp (2004), apud Hall (1968, p. 158) a língua(gem) é “a instituição pela qual os humanos se comunicam e interagem uns com os outros por meio de símbolos arbitrários orais-auditivos habitualmente utilizados”.

Entretanto, a um senso que compreende que a língua e a linguagem estão entrelaçadas não apenas em um sistema de símbolos e representações humanas, mas, como, pertencente ao indivíduo como uma identidade única a cada ser e que coopera para que a língua se faça viva.

Um exemplo de língua e linguagem é exatamente a língua de sinais, alguns teóricos de maneira geral afirmam que a língua de sinais precede a língua oral, portanto, no que se ver na

vida dos surdos os sinais que são produzidos por eles, fazem conexão com os gestos que os indivíduos ouvintes fazem e se entrelaçam num processo de pseudocomunicação.

Diante disso, podemos compreender que há uma necessidade quanto a uma melhor metodologia que corresponda de maneira concomitante às necessidades e características do alunado surdo, respeitando também a sua língua natural e que possibilite um significado autêntico e uma compreensão explícita de que ele pode vir a ser um cidadão mundial e não apenas local.

Sugerimos, então, que o professor faça uso da tradução intersemiótica unindo para tanto o signo linguístico, uma imagem icônica desse signo (quando possível) e a sua transcrição tanto para o SW língua portuguesa (Libras), quanto para a língua inglesa (ASL).

## 6. METODOLOGIA

O resultado dos conhecimentos, isto é, o prévio com o novo, resulta na aprendizagem (COLL, 2006). Tal fato explica o porquê de quando um novo conteúdo ser ministrado aos alunos, estes normalmente buscarão representações, concepções e conhecimentos prévios que auxiliem na internalização e compreensão do novo conteúdo.

Nossa pesquisa, por compreendermos que o conhecimento ser algo imensurável, segue um cunho qualitativo

Quando se fala de pesquisa quantitativa ou qualitativa, e mesmo quando se fala de metodologia quantitativa ou qualitativa, apesar da liberdade de linguagem consagrada pelo uso acadêmico, não se está referindo a uma modalidade de metodologia em particular. Dai ser preferível falar-se de abordagem quantitativa, de abordagem qualitativa, pois, com estas designações, cabe referir-se a conjuntos de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas. São várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas. (SEVERINO, 2007, p. 119)

Diante do exposto, optamos como um dos instrumentos de pesquisa a visita *in loco* a fim de observarmos as aulas de inglês na Escola de Áudio comunicação Demóstenes Cunha Limas (Campina Grande – PB). Bem como de uma entrevista semiestruturada com a professora ministrante da disciplina Língua Inglesa.

Contudo, a mesma não quis responder á entrevista, permitindo apenas que fossem feitas as observações das aulas, as quais notamos que há apenas o trabalho de tradução interlingual,



isto é, a professora ensina a palavra escrita em inglês e a sua correspondência em português sem que o sinal em inglês seja ensinado e, por isso, não aprendido e usado pelo alunado surdo.

Achamos prejudicial essa didática e metodologia empregadas, pois faz com que o aluno surdo brasileiro não tenha a ideia da importância que se há em saber uma língua estrangeira, o que nos faz lembrar de uma frase do escritor alemão Goethe: “Quem não sabe línguas estrangeiras, não sabe nada da própria”.

Tal fato nos forçou a aproveitar outra pesquisa realizada por nós no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (Campus Picuí) no ano de 2016, pois nesta, pudemos observar as aulas e dialogar tanto com a professora quanto com o tradutor intérprete de Libras que acompanhava as aulas de inglês. A pesquisa *in loco* realizou-se com visitas semanais ocorridas entre os meses de fevereiro a abril de 2016 sendo este o período correspondente ao 1º bimestre daquele campus.

Quanto a conversa com o TILS (tradutor intérprete de Língua de Sinais) e a professora, pudemos notar que havia um trabalho em conjunto, pois o TILS também falava inglês, o que facilitava na metodologia empregada em conjunto por ambos: a professora fornecia o conteúdo a ser ministrado ao TILS com a antecedência de duas semanas para que este profissional buscasse os sinais em ASL e juntamente com a professora lecionasse à aluna surda em um horário que se configurava como contraturno às aulas. Porém, não havia o ensino da escrita de sinais, apenas o trabalho com a palavra em inglês, a sua tradução e a aquisição do sinal em inglês.

Para tais observações, fizemos uso do caderno de bordo anotando em cada aula a dinâmica que ocorria, a fim de verificar com o intérprete da instituição atuava em sala juntamente com a professora e a aluna em questão.

Nossas observações permitiram notar que estes possuíam uma boa comunicação no tocante aos assuntos que seriam ministrados, isto é, comprovamos que ambos dialogavam constantemente sobre quais seriam os conceitos-chaves que seriam trabalhados em sala de aula. Também, que a professora compreendia a importância de passar ao profissional TILS os conteúdos que seriam explorados e explanados em sala de aula a fim de que este profissional pudesse compreender melhor o que seria dito com vistas a efetuar um melhor trabalho. Acreditamos que o foco de ambos os profissionais se pautava na equidade de ensino.

Por fim, observamos que a aluna chegou a ser uma das melhores alunas da sala nessa disciplina destacando-se por ter apresentado seminários em língua de sinais americana, isto é, em ASL. Não obstante, acreditamos que se fosse ensinado também a escrita da língua de

sinais, a aluna poderia ter os registros da execução do sinal, o que possibilitaria que a mesma pudesse estudar em casa por conta própria, ou seja, sem haver a necessidade de se locomover ao IFPB – Campus Picuí para ter o auxílio do NAPNE (Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas), o que a tornaria cada vez mais autônoma.

Também, a auxiliaria a compreender que é, sim, importante ter tais registros para que houvesse a ruptura da crença da aluna de que não precisa escrever em língua alguma, apenas sinalizar.

Outro benefício observado com nossas anotações são que graças ao trabalho deste núcleo, os professores compreendiam melhor a importância de se utilizar mais os recursos visuais, tais como: data-show, cartazes e trabalhos que evocassem o conhecimento cinestésico dos alunos.

A utilização desses recursos didáticos em nada prejudicou a compreensão dos assuntos ministrados por parte do alunado ouvinte, senão do contrário, evidenciou-se que a utilização de recursos visuais pode ser uma ferramenta de ensino-aprendizagem que equaliza a compreensão tanto do alunado surdo quanto do alunado ouvinte, confirmando, assim, a teoria de Strobel (2008) quando assevera que o surdo apreende o mundo pelos olhos.

## **CONCLUSÃO**

Acreditamos que a Educação especial vem ganhando uma vasta bibliografia que é nada mais que frutos de pesquisas em níveis de graduação, mestrado e doutorado. Isso demonstra que há, sim uma preocupação com a educação de surdos em seus mais variados níveis. Nesse artigo, entretanto, focamos no ensino fundamental por ser esta a fase em que o aluno começa a ter contato com a língua inglesa.

Verificou-se ao longo desse estudo que o ensino de língua estrangeira para surdos ainda é realizado de maneira leviana, isto é, não obedece e tampouco atende às necessidades educacionais exaladas por este público de discentes com tal característica. Não obstante, ainda há uma esperança que se pauta no ensino pleno da educação fundamental dos surdos, qual seja, lecionar também o ensino de escrita de sinais, pois, como demonstrado, traz vários benefícios ao Surdo.

Acreditamos que o presente artigo cumpriu com o seu objetivo proposto, qual seja, a de trazer uma reflexão sobre o ensino de estrangeiras para surdos de maneira que seja o mais condizente possível com a realidade demonstrada por tal público.

Como demonstrado, o desafio é grande, pois há de unir a língua estrangeira com a língua natural do surdo ensinando-lhes também não apenas a forma escrita da palavra/sinal, senão também a sua execução em língua estrangeira. Comparando essa metodologia com a dos ouvintes, se não fosse ensinado ao surdo o sinal em língua estrangeira, seria o mesmo que o ouvinte apenas aprender a escrever nessa segunda língua e não a falar.

Creemos que a população surda brasileira, sobretudo a que ainda está nos âmbitos educacionais, já sofreram bastante nessa área educacional, então, cremos que chegou a hora de dar-lhes vozes, sim, vozes, pois não basta agora que se expressem em língua de sinais brasileira, ou em português (escrito), mas também, como quiser e na língua que desejar tornando-se, assim, um cidadão global e pertencente a várias culturas.

### ABSTRACT

The present article has the opportunity to serve as another bibliographical reference on the teaching of foreign language for deaf students, exemplified here through the English language. We believe that there is little bibliography on the subject, which highlights the need for such studies. We have as main objective to promote a reflection evidencing that the teaching of foreign language for deaf students still configures itself as precarious, since a methodology is not used that is in keeping with the reality of the deaf student. Also, it is perceived, because of this, that the desire to know other cultures is not nurtured in the students, which means that the deaf do not have the chance to see themselves as citizens of the world as well as there is no incentive on the importance of learning a foreign language. In order to fulfill this objective, it is imperative to define what the LIBRAS is by concurrently undoing some erroneous beliefs about it; to evaluate how English language teaching takes place in two schools, being a special and an inclusive one, and to promote a methodology that is more in keeping with the academic reality of the deaf in terms of their learning style. Our methodology was based on a semi-structured interview, which did not succeed in its accomplishment, in loco research and in bibliographic research, which made us then have a qualitative approach. As a theoretical reference, authors-researchers from the area of deafness and of the Libras, such as: Gesser (2004), Quadros & Karnopp (2009). As a result, we could verify that, in fact, the teaching of the foreign language for the deaf is still precarious, because they are not only able to provide a methodology that is consistent with their reality, but also lack interest in motivating this type of student to learn other languages, which would open the doors to the labor market and broaden their view of the world by giving them the sense of belonging to being a world citizen.

**Key words:** Education. Deafness. Foreign Language.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. **Escrita de Sinais sem mistérios**. 2. ed. rev. atual. e ampl. – Salvador, v. 1 : Libras Escrita, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.

COLL, C. MARTIN, E; MAURI, T; MIRAS. M; ONRUBIA, J; SOLÉ, I; ZABALA, A. **O construtivismo em sala de aula**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

GESSER, Audrey. **LIBRAS? : Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo : Parábola editorial, 2009.

HONORA, Márcia. **Inclusão educacional de alunos com surdez: concepção e alfabetização : ensino fundamental, 1º ciclo**. São Pualo : Cortez, 2014.

QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.